

Dois Fernandos que vieram para ficar

Nos primeiros cem dias, saíram do Planalto dois Fernandos Henriques. Um é o professor Cardoso, presidencial e catedrático. Outro

é Fernandenrique, agressivo, palanqueiro. Tudo indica que ambos convivem bem no papel de presidente e vieram para ficar.

Fala o professor Cardoso:

— Sem as reformas, dificilmente eu poderia afirmar que o caminho está desimpedido para a estabilidade econômica. (Na entrevista coletiva.)

— Quando os poderes da República brigam, quem acaba perdendo é o Brasil. (Em fevereiro.)

— É bom ser refém do Congresso. O Congresso é um lugar agradável, onde se discutem os problemas do Brasil. O ruim é ser refém num presidio, mas o Congresso não é mau, não. (Coletiva de março.)

— Não vai haver empresário moderno se o empresário pensar só no seu negócio. (...) Hoje, ou nós todos cuidamos da grande política ou nós fracassamos. (Falando a um grupo de empresários, em março.)

— Uma pobre ilusão achar que mero consumo de quinquilharias vai nos fazer modernos, se nossas crianças continuarem passando pela escola sem absorver o mínimo indispensável de conhecimento para viver no ritmo da modernidade. (No discurso de posse.)

— Enquanto não for possível pagar pelo menos R\$ 100,00, os ministros abrirão mão da recentemente criada gratificação de função, que equivale a cerca de 25% dos salários, enquanto o presidente e o vice farão o mesmo com suas remunerações. (Na televisão, em fevereiro.)

Diálogo ocorrido durante a entrevista coletiva de março:

Agência Reuters: Senhor presidente, vários empresários brasileiros e estrangeiros ficam decepcionados com suas propostas e acham que elas são limitadas demais. Eles gostariam de ver, por exemplo, a plena privatização da Telebrás e da Petróbrás. O que o senhor acha dessas queixas?
Fernando Henrique: Isso não são queixas, são interesses. Eu tenho que cuidar do interesse nacional. Eles cuidam dos deles.

Fala Fernandenrique:

— Este ano será melhor. O ano que vem, melhor ainda. (No discurso de posse.)

— Ou a democracia acaba com a injustiça ou a injustiça — nem vou pronunciar o resto, mas é verdade. (Na entrevista coletiva.)

— Vamos acabar com a farra de importação de automóveis. (Ao jornalista Márcio Moreira Alves.)

— Mas o real está aqui. O real é a mão calejada do trabalhador que acredita que hoje tem a enxada e a terra, e o real foi conseguido assim também. Foi conseguido, eu ministro da Fazenda, quase contra tudo e contra todos, dos que pensam que são progressistas e são a vanguarda do atraso, que queriam a inflação porque achavam que a inflação beneficiava o povo. O povo percebeu logo que o que beneficia o povo é a seriedade, não é a demagogia; a competência, não é a ignorância; a coragem, sem ter a ousadia demagógica, e é ter um rumo certo. (Na Fazenda Charneca, no Ceará, em março.)

— Há os pessimistas profissionais — uns por temperamento, outros por ingenuidade e uns tantos por má-fé —, que continuam pregando a fracassomania. (...) Procuram assustar o País com o fantasma da crise mexicana. Já, já, terão de mudar de disco. Nossas reservas continuam elevadas: cerca de US\$ 38 bilhões. As exportações reagiram: neste janeiro voltamos a ter superávit. E, mais ainda, cerca de dois terços das importações são compostos de matérias-primas e máquinas. (Em fevereiro.)

— Eles perderam as eleições. Estão com o germe do atraso na cabeça e querem ganhar no grito. Entraram em desespero e perderam o juízo também. (Em março)

Diálogo na coletiva de março: William França, da *Folha de S. Paulo*: — O que o cidadão Fernando Henrique faria se recebesse salário mínimo de R\$ 70?

Fernandenrique — A mesma coisa que você. Essa pergunta é demagógica. O que que você faria? (...) O sujeito fica no desespero. E nós não podemos deixar milhões no desespero. Por isso temos que fazer a reforma, temos de ser sérios e não engraçadinhos. (E.G.)

PROFESSOR
CARDOSO E O
PALANQUEIRO
AGRESSIVO